

SUICÍDIO E O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA

SUICIDE AND THE MEANING OF LIFE IN THE PERSPECTIVE OF LOGOTHERAPY

Ellen Carolinne Madureiro De Freitas ¹

Resumo: A sociedade do século XXI é marcada pelo sentimento de praticidade e de imediatismo, tendo como consequência relações sociais cada vez mais passageiras e, muitas vezes, enfraquecidas. Diante deste cenário, o presente estudo buscou compreender os principais fatores que levam o ser humano a desenvolver um vazio existencial e a perder o sentido da vida, chegando ao ponto de cometer um ato tão abrupto contra si mesmo, como o suicídio. Este trabalho se atentou, também, para a investigação acerca do tema da morte e como

este é percebido e encarado pela sociedade atual. Tais questões foram abordadas à luz da Logoterapia, a teoria da Psicoterapia do Sentido da vida, através de uma pesquisa bibliográfica. Diante disto, o trabalho discorre ao longo dos capítulos, onde o primeiro capítulo destacou alguns aspectos socioculturais de uma sociedade que nega a finitude da vida, percebendo o suicídio como um ato abominável e desprezível. O capítulo seguinte abordou os aspectos da Logoterapia, que percebe a necessidade de se encontrar um sentido que impulse o

¹ Psicóloga



sujeito a querer viver. E, por fim, o terceiro capítulo promoveu a análise do impacto do vazio existencial e a busca por um sentido na formação da vida do sujeito, com base nas teorias e reflexões do psicólogo e criador da Logoterapia, Viktor Emil Frankl. Com esta revisão bibliográfica foi possível investigar e compreender os aspectos do sofrimento psíquico que resultam em um vazio existencial, por ser considerado um fator de grande relevância para a perda do sentido da vida, o que desencadeia a ideação suicida ou, até mesmo, o ato consumado. O presente trabalho promoveu e incentivou a reflexão e a desconstrução do preconceito da nossa sociedade acerca do tema sobre a finitude da vida e o suicídio.

Palavras-chave: Suicídio. Sentido da vida. Logoterapia.

Abstract: The society of the 21st century is marked by a feeling of practicality and immediacy, resulting in increasingly fleeting and often weakened social relations. In view of this scenario, the present study sought to understand the main factors that lead the human being to develop an existential emptiness and to lose the meaning of life, reaching the point of committing an act as abrupt against himself, as suicide. This work was also used for the investigation on the theme of death and how it is perceived and seen by today's society. Such questions were addressed in the light of Logotherapy, the theory of Life Sense Psychotherapy, through a bibliographic research. In view of this, the work is done throughout the chapters, where the first chapter highlighted some sociocultural aspects of



a society that denies the finitude of life, perceiving suicide as an abominable and despicable act. The next chapter addressed the aspects of Logotherapy, which perceives the need to find a meaning that encourages the subject to want to live. Finally, the third chapter promoted the analysis of the impact of existential emptiness and the search for a meaning in the formation of the subject's life, based on the theories and reflections of the psychologist and creator of logotherapy, Viktor Emil Frankl. With this literature review it was possible to investigate and understand the aspects of psychic suffering that result in an existential emptiness, because it is considered a factor of great relevance for the loss of the meaning of life, which triggers suicidal ideation or even the consummate act. The present work promoted and encouraged

the reflection and deconstruction of the prejudice of our society on the theme about the finitude of life and suicide.

Keywords: Suicide. Meaning of life. Logotherapy.

INTRODUÇÃO

O advento da tecnologia tornou cada vez mais evidente uma sociedade marcada por um sentimento de praticidade e de imediatismo, com relações passageiras e, muitas vezes, enfraquecidas. A modernidade traz a sensação de uma vida instantânea com múltiplas possibilidades, que podem ser realizadas de forma imediata. Assim, a sociedade influencia muito na maneira como nos comportamos em todos os âmbitos de nossas vidas (BAUMAN, 2001).



A busca de um sentido na vida é o que nos direciona e nos impulsiona a almejar viver. Segundo Frankl (1987), o indivíduo é um ser único em sua existência, e o sentido da vida varia de um momento para outro, dependendo da situação no decorrer de sua vida. Frankl acredita que há uma exigência que nos obriga a ter a responsabilidade de responder às questões da vida e tais respostas são singulares e subjetivas, não podendo ser definidas de forma genérica.

Sabe-se que nos dias atuais, os índices referentes aos casos de suicídio veem crescendo, sendo esta uma das principais causas de morte entre jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, no ano de 2016. Segundo dados da OMS (Organização Mundial de Saúde), cerca de 800 mil pessoas morrem vítimas de suicídio todos os anos, e há um número mais

elevado de casos de pessoas que tentam cometer suicídio (OMS, 2018).

Trata-se de um problema de saúde pública e ocorre em países de rendas baixa, média e alta. Cada suicídio é uma tragédia que afeta as famílias, comunidades e países, deixando efeitos duradouros na vida das pessoas (OMS, 2018).

Acredita-se que este tema é de grande relevância e pertinente porque estamos inseridos em uma sociedade movida por crenças, valores e preconceitos e que, por muitas vezes, o tabu em relação a alguns valores podem ser o fator que desencadeia um vazio existencial nos indivíduos, levando-o a perder o sentido que o motiva a viver e cometendo o ato suicida como uma tentativa de fuga deste vazio interior e sofrimento psíquico ou, até mesmo, como uma forma de encontrar



algum sentido (FRANKL, 1987).

Com isto, a busca por um sentido na vida pode ser um fator singular no sofrimento psíquico e vazio existencial de um indivíduo e o fato de não encontrar este sentido pode ser o principal fator que o leve a cometer o suicídio.

Em decorrência disto, o principal objetivo deste estudo é compreender o porquê de o sujeito vivenciar um vazio existencial e, conseqüentemente, perder o sentido que o impulsiona a continuar a viver, chegando ao ponto extremo de tirar a própria vida.

Tendo como base este objetivo, o trabalho traz aspectos para facilitar a compreensão do enfoque do vazio existencial e da necessidade constante da busca de um sentido na vida, à luz da teoria de Viktor Frankl, e de investigar os aspectos socioculturais que contribuem para os te-

mas da morte e do suicídio.

A partir desta percepção, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica exploratória, acerca dos temas suicídio, a busca de um sentido na vida em contrapartida ao vazio existencial, além de trazer aspectos sociais referentes à visão da sociedade diante do tema morte.

Com isto, o presente trabalho abrange três capítulos, onde o primeiro traz um paralelo entre a perspectiva da sociedade diante da finitude da vida e como ela encara o ato do suicídio, visto que há uma certa repulsa ao tema sobre morte na sociedade, apesar de fazer parte do ciclo da vida. Em seguida, o capítulo perpassa pelos pormenores da teoria de Viktor Frankl, discutindo seus pontos principais, visando dialogar sobre a principal preocupação da Logoterapia que é a compreensão da existência humana, a partir da



necessidade de encontrar um sentido motivador que impulsiona o indivíduo a querer viver. E, por fim, o estudo traz no terceiro capítulo a relação entre a busca de sentido e o vazio existencial que é caracterizado pela falta deste sentido, o que pode desencadear dor e sofrimento psíquico para o sujeito.

O TABU DA MORTE E A REPULSA AO SUICÍDIO

A morte permeia por aspectos socioculturais, além de questões religiosas e éticas. É um fato irrefutável, pois todos os seres vivos morrem, por fazer parte do ciclo da vida. Com isso, a vida e a morte são duas faces inseparáveis da existência humana, mediadas pelas situações de finitudes (SCHRAMM, 2002).

Os estudos de Ariès (2003) acerca da história da mor-

te segundo a cultura ocidental, apontam que até o século XVIII a morte não era percebida com temor, pois ela era exaltada e dramatizada. No fim do século XVIII, a morte passa a ser considerada uma ruptura no cotidiano das famílias, começando a ser percebida como algo temido. Só a partir do século XIX que a morte passa a ser vista como uma ameaça, devido as grandes transformações sociais e culturais.

Há na sociedade do século XXI a percepção da morte como tabu, já que a finitude da vida nos comprova o quanto somos impotentes e frágeis, mesmo com o advento da tecnologia e as descobertas na área da Medicina (KOVACS, 2003).

Segundo Schramm (2002, p.18), existem dificuldades em encarar a morte por não a experienciamos diretamente, uma vez que é quase impossível



pensar na própria morte, pois a morte enquanto tal é praticamente impensável e quando, por alguma razão de força maior, ela se impõe à consciência e à elaboração, isso só se dá com muito sofrimento, em situações de vulnerabilidade e através das experiências sofridas do desamparo, que de fato são experiências dos seres humanos vivos que vivenciam a precariedade da condição humana mas não a morte. Esta impossibilidade provavelmente explica o porquê as sociedades contemporâneas têm cada vez mais dificuldades em pensar a questão da morte e do morrer em seus aspectos de processo e em suas múltiplas significações, e isso apesar da sociedade contemporânea ter-se tornado uma so-

cidade do risco, na qual se multiplicam as ocasiões de experimentar a vulnerabilidade e enfrentar a morte em situações violentas de vários tipos.

Segundo Kübler-Ross (1985, p.14), os povos percebem a morte como sendo uma ação má, um acontecimento medonho. Esta repulsa à morte sempre esteve presente na cultura de povos antigos, devido à não aceitação do inconsciente da própria morte, por ser “inconcebível imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance”. Assim, o sujeito reconhece a morte do outro, mas não concebe sua própria finitude.

Os sentimentos pela perda de um ente querido geram um certo desconforto e por isto o in-



divíduo vivencia o luto de forma tão dolorosa. Sentimentos como aflição, vergonha e culpa não se distanciam da raiva e da fúria. Experienciar tais sentimentos é motivo de vergonha, uma vez que o ser humano não admite a ideia de sentir raiva em relação ao falecido. Em consequência disto, tende-se a disfarçar ou reprimir estes sentimentos, que se manifestam, inconscientemente, em um período de pesar ou se revelam de maneiras mais agressivas (KÜBLER-ROSS, 2008).

Segundo Rocha, Fonseca e Sales (2019, p.41), tendo como base um documentário produzido pelo Laboratório de estudos sobre a morte, da Universidade de São Paulo – USP, chamado Falando de Morte (1997), as fases de desenvolvimento humano pode ser um fator para o distanciamento acerca do tema morte, em que

a criança não fala de morte porque este é um tema abstrato para ela. No entanto, caberia o adulto que convive com ela informar sobre o assunto. Em contrapartida o adulto não fala de morte com criança, essencialmente porque isto não lhe foi estimulado e depois pelo receio que possa despertar medo e aterrorizá-la. Quando alguém próximo morre, oculta a informação dos pequenos e até mesmo os privam dos rituais fúnebres de despedida, por acreditar erroneamente que esta é uma forma de protegê-los do sofrimento. Quando na verdade, a criança percebe todo o movimento que ocorre ao seu redor. Já os jovens adolescentes também não conversam sobre a morte. Porém, pa-



radoxalmente vivem esta fase sem receios, com onipotência, pois prevalece a representação arquetípica do herói e desta forma a morte é desafiada instintivamente a quase todo momento. Na fase adulta, nem pensar em falar! Os adultos se encontram atarefados demais, envolvidos com suas atividades cotidianas como prover o lar, estudos, busca pelo reconhecimento profissional e cuidados com os filhos. Com tantas atribuições e responsabilidades, não há tempo para pensar na morte. Na velhice, também não se fala para não constranger quem está ao lado. Desta maneira a cultura de não falar de morte vai sendo fomentada e se perpetuando de geração para geração.

A resistência em se dialogar sobre este assunto se fortaleceu a partir da morte interdita, em que a pessoa não era mais velada em sua casa próximo aos que amava, mas tudo passa a ser institucionalizado, atribuindo um aspecto solitário ao momento da morte. Este distanciamento pode levar a um luto mal elaborado (KÜBLER-ROSS, 1985).

Com a incorporação tecnológica à medicina, algumas doenças terminais conseguiram ser estabilizadas e pacientes mantidos artificialmente prolongando, assim, seu tempo de vida. Entretanto, este ato da medicina coloca em questão a consciência da legitimidade moral da cultura a respeito da autonomia do paciente e também a questão da relativização da “tarefa médica de fazer todo o possível, mesmo contra os desejos do paciente, para impedir ou postergar a mor-



te” (SCHRAMM, 2002, p.19).

Segundo Kovács (2003), há na maioria dos hospitais uma posição paternalista, baseada no princípio da beneficência de se fazer o bem e evitar o sofrimento adicional e, com isso, a equipe age de forma unilateral acreditando saber o que é o melhor, ignorando o desejo real do paciente que está acometido pela doença.

Kübler-Ross (1985), discursa sobre a negação da equipe médica diante da possibilidade de não poder prolongar uma vida. Por muitas vezes, a necessidade de salvar a vida incondicionalmente, sem levar em consideração o desejo do paciente, é resultado da repulsa inconsciente, enquanto ser humano, da incapacidade, da fragilidade e da falta de onipotência e da mortalidade diante da finitude da vida.

O SUICÍDIO

Diante do cenário de uma sociedade que nega a finitude da vida, o desejo de morrer é um ato abominável. O suicídio é uma das causas de morte de maior índice no mundo. Segundo Baggio, Palazzo e Aerts (2009), o suicídio é um desejo consciente de morrer, porém este “morrer” refere-se a uma fuga do sofrimento.

O suicídio é uma das principais causas de morte na sociedade, caracterizando-se então, como um problema mundial de saúde pública. Segundo dados da OMS – Organização Mundial da Saúde, a cada ano, cerca de 800 mil pessoas cometem suicídio. Esta é uma realidade em países de rendas baixa, média e alta. Em 2016, a OMS apresentou um índice de 79% de suicídios entre países de rendas baixa e média (OMS, 2018).



Segundo dados do Ministério da Saúde, a partir de uma pesquisa acerca dos registros de casos de suicídio no país, percebe-se que a maioria dos casos ocorrem nas regiões Sudeste, totalizando 49% da população, e maior parte das tentativas de suicídio por intoxicação exógena ocorre entre mulheres, o que corrobora com a literatura que aponta que as mulheres apresentam maior índice de tentativas de suicídio do que os homens em todo o mundo (BRASIL, 2019).

Ao que se refere aos índices de óbitos por suicídio, entre 2007 e 2016, foram registrados mais óbitos no público masculino do que no feminino. Segundo dados do Ministério da Saúde, “o risco de suicídio no sexo masculino (8,6/100 mil) foi, aproximadamente, quatro vezes maior do que no feminino (2,3/100 mil)”. Neste mesmo período “foram re-

gistrados 106.374 óbitos por suicídio no Brasil, com taxa geral padronizada de mortalidade de 5,3/100 mil hab., variando de 5,1 em 2007 a 5,5 em 2016” (BRASIL, 2019, p. 4).

Segundo as pesquisas de Steiner (2016), há uma correlação entre os aspectos sociais, como religião e cultura, e a situação conjugal ou condição socioeconômica do indivíduo. Em suma, os resultados apontam que os homens se matam mais que mulheres. Os mais velhos mais do que os jovens. Os solteiros mais do que os casados. Os casados sem filhos mais do que os casados com filhos. Os que residem em metrópoles mais do que os que moram em províncias. Os mais ricos cometem suicídio mais do que os mais pobres. Os protestantes mais do que os católicos. Já as mulheres casadas se matam mais do que as solteiras, devido à pou-



ca liberdade que experienciam na vida conjugal. Com isso, há fatores importantes no estilo de vida e na relação social de cada sujeito que podem desencadear um processo de vazio existencial e uma desmotivação pela vida.

O sociólogo Émile Durkheim desenvolveu estudos acerca do tema, definindo-o como um ato individual e complexo com características da sociedade que o produz. Durkheim compreende o suicídio como “todo caso de morte que resulta direto e indiretamente, de um ato positivo ou negativo, executado pela própria vítima e que ela sabia que deveria produzir esse resultado” (DURKHEIM, 1973, p. 11).

Diante desta definição, pode-se refletir sobre o que vem a ser um ato suicida, visto que o suicídio está para além das questões culturais. A partir da defi-

nição de Durkheim, os atos gloriosos e heroicos como o capitão que se nega abandonar o navio quando naufraga ou, até mesmo, um samurai que opta pela morte por se considerar desonrado, deve ser percebido como um ato suicida e, não apenas, os atos que são considerados resultados de fracassos, como os amantes desesperados ou os banqueiros arruinados (VARES, 2017).

O peso e a carga da existência humana são outro fator para a tentativa de compreender o suicídio. As autoras partem da teoria de que o ser humano é lançado ao mundo sem ter conhecimento prévio e controle das situações, cabendo a ele a apropriação de sua própria existência. A partir disto, o suicídio é percebido como uma forma de ter controle da existência, chegando a uma experiência de ser o que não se quer ser, quando não consegue



sustentar essa carga. A inautenticidade traz sofrimento ao sujeito, que percebe a morte como algo mais atrativo do que a vida (DUTRA; ROEHE, 2013).

Dutra e Rosa ressaltam que “no desespero que surge desse contexto psicossocial, a morte surge como saída do sofrimento. A morte é a alternativa para calar a dor. A morte pode ser a alternativa para a solidão existencial que dilacera a vida” (DUTRA; ROSA, 2001, p. 102). Por não ter a habilidade de lidar com a dor e o sofrimento, os indivíduos tendem a querer solucionar os problemas, eliminando-os, ainda que com sua própria morte (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

O suicídio é um processo de sofrimento psíquico e apresenta sinais. A primeira manifestação se dá na presença de ideias suicidas, seguidas de tentativas de suicídio, podendo vir a

ser um ato consumado. De fato, há pequenos atos de autoagressão que não são considerados atos suicidas, mas que são importantes para a compreensão das tentativas de suicídio, por demonstrarem um significativo desinteresse pela vida. Muitas vezes estes atos passam quase despercebidos no cotidiano das pessoas, porém podem representar sinais de alerta sobre o real estado emocional do sujeito e deve ser considerada como uma possível tentativa de suicídio. Assim, ter o cuidado e a atenção a esses sinais pode ser bastante útil em uma escuta facilitadora da compreensão da angústia e de uma possível falta de vontade de viver (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Tendo como referência o pensamento fenomenológico e humanista, o homem não pode ser compreendido a partir do dualismo homem-mundo, mas em



sua totalidade e como este fenômeno ocorre no mundo, pois ambos são fenômenos imbricados e mutuamente constituídos (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Este pensamento fenomenológico é de grande valia para abranger o fenômeno do suicídio, uma vez que este compreende a mútua constituição com o universo diversificado da experiência vivida, considerando todos os aspectos constituintes, superando o olhar diagnosticador que reduz o suicídio a um sintoma de alguma patologia (MOREIRA, 2017).

Segundo os apontamentos,

o pensamento dialético deve partir como pensamento de situação, localizado no mundo, eliminando aquilo que não é verdadeiro na existência pré-reflexiva e supe-

rando a dicotomia individual versus social. Uma dialética circular permite uma constante revisão epistemológica, uma vez que todo e qualquer conhecimento está sempre aberto à experiência de mundo que o homem possa vivenciar. A partir deste referencial, fica evidente a necessidade de uma revisão das chamadas psicopatologias, apoiada em uma postura crítica sobre sua organização e interesses. Tal revisão desenvolvida por Moreira e Sloan (2002) propõe uma psicopatologia compreendida de forma não dicotomizada, ou seja, que privilegie o caráter mundano da experiência vivida. Para tanto, ela não pode ser individualista e sua compreensão deve resgatar as dimensões cultural,



histórica e biológica do fenômeno psicopatológico [...] não se restringir a determinada sintomatologia, mas trabalhar com a compreensão da experiência psicopatológica, evidenciando o seu caráter de sofrimento, presente em tal condição, que existe para além do adoecimento propriamente dito (MOREIRA; SLOAN, 2002, p. 132 apud ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012, p. 73).

Diante desta discussão, faz-se necessário compreender que o suicídio é um ato complexo, não podendo ser considerado como um caso de psicose ou um mero reflexo de uma desordem social, assim como ser reduzido a um ato simplista ligado a um determinado acontecimento. Uma vez que o suicídio é um processo,

que pode ter iniciado na infância, embora alguns acontecimentos podem ser considerados fatores desencadeantes à ideação suicida ou, até mesmo, o ato consumado (KOVACS, 1992).

Por este motivo é importante ressaltar que, em momentos de desesperança ou desanimação diante de determinadas situações na vida, todos podemos ter algum tipo de ideação suicida, porém até que se concretize este ato, há uma série de variáveis em jogo que devem ser consideradas (KOVACS, 1992).

No contexto das relações sociais, a forma como a família ampara o parente que está em sofrimento é um fator de grande importância no processo de ideação suicida. De acordo com pesquisas, a família tende a diminuir o sofrimento do indivíduo e que, muitas vezes, associa à loucura, buscando refúgio na



prática religiosa e, em alguns casos, nos hospitais psiquiátricos. Esta atitude agrava o quadro de sofrimento do suicida, gerando um maior desconforto, um desamparo, um sofrimento psíquico e um sentimento de culpa, devido às questões e condenações religiosas, e de isolamento. Em alguns casos, por recorrerem à internação em hospitais psiquiátricos, os pacientes desenvolvem algum tipo de alucinação auditiva acompanhado de sintomas persecutórios (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Em suma, o suicídio é um processo complexo e deve ser analisado de forma cautelosa, pois é resultante de diversos eventos e fatores sociais, culturais, biológicos e psicológicos, sendo ainda um grande desafio para a compreensão (CASSORLA, 1998).

Apesar das considera-

ções epidemiológicas, há nas tentativas suicida uma singularidade que se dá de formas diferentes para cada pessoa, marcando uma subjetividade no processo de suicídio, levando em consideração a ação vivida em um contexto sociocultural (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

TIPOS DE SUICÍDIO

É sabido que Durkheim, em sua obra “O Suicídio”, desenvolveu uma classificação, com o intuito de facilitar a compreensão de seus motivos básicos, visto que se assemelham. Segundo Moura e Reis (2019), o suicídio pode ser classificado em suicídio egoísta, suicídio altruísta, suicídio anômico e suicídio fatalista.

Os desejos e interesses coletivos da sociedade integram as ações e pensamentos individuais. Conforme as sociedades evo-



luem, os sujeitos passam cada vez mais a dependerem de si mesmo, sem um sentimento de pertencimento de grupo, caracterizando um individualismo excessivo e uma integração social fragilizada. O suicídio egoísta pode resultar desta baixa integração social, uma vez que o indivíduo pode sentir-se só, sem razão para viver e encontra na morte uma solução para finalizar seu sofrimento (VARES, 2017).

Contudo, quando se é presente uma forte integração social, o indivíduo se identifica com os desejos e interesses da coletividade, de forma que seu ego não mais lhe pertença, passando a agir por meio de imperativos sociais interiorizados. As crenças e os aspectos culturais podem estar tão enraizados na identidade do indivíduo que, em nome destes valores culturais ou devido a uma perda de estima

pública, pode desencadear no sujeito um ato suicida como um ato heroico, caracterizando o que Durkheim chamou de suicídio altruísta (VARES, 2017).

Uma sociedade com um sistema de regulação enfraquecido pode gerar o desequilíbrio daqueles que a ela pertencem, por não terem consciência de seus limites. Em momentos de crises, ou até mesmo em momentos de prosperidade, uma sociedade sem normas reguladoras é incapaz de limitar os desejos individuais de seus membros, desencadeando um desregramento moral. O suicídio anômico é o terceiro tipo de suicídio e é compreendido como resultado desta ausência de normas sociais (VARES, 2017).

Como destaca o autor,

Seja em momentos de prosperidade ou de recessão repentinas, a ruptura do



equilíbrio entre os indivíduos beneficiados por uma mobilidade ascendente, por um lado, e a ausência de uma força moral delineada, por outro, podem levá-los a uma confusão acerca dos meios mais adequados à satisfação de seus desejos. Posto isto, Durkheim depreende toda uma argumentação acerca do coeficiente de preservação exercido pela pobreza. Alega que os habitantes dos países mais pobres estão acostumados a renunciar aos bens materiais, visto não alimentarem grandes expectativas financeiras. Já nos países onde a possibilidade de fazer riqueza aumenta, são frequentes as frustrações entre as pessoas mais ricas (VARES, 2017, p. 27).

Já o quarto tipo, suicídio fatalista, refere-se ao ato suicida desencadeado pela regulação excessiva sobre os desejos individuais, gerando um desinteresse pela vida social, uma vez que a inflexibilidade das normas morais pode gerar um desconforto nos indivíduos, perdendo a motivação de continuar a viver. Este tipo de suicídio não costuma ser comum na sociedade atual (VARES, 2017).

Contudo, cada tipo de suicídio tem uma relação com aspectos psicológicos ou morfológicos. O suicídio anômico costuma ser resultado de uma decepção pelo estilo de vida moderna, já o suicídio egoísta ocorre devido o estado de apatia e a não vinculação à vida social. O suicídio altruísta é motivado pela energia e pela paixão a um valor de força maior, como as crenças e culturas e o suicídio fatalista



é produto de um sufocamento gerado pela tensão dos desejos e valores sociais internalizados (STEINER, 2016).

O suicídio na teoria de Durkheim pode ser descrito como fenômenos individuais, com causas eminentemente sociais. Vale salientar que os tipos de suicídio destacados pelo sociólogo Durkheim apresentam uma influência social, o que corrobora com o pensamento de Dutra e Roehe (2013) quando apontam o contexto social como um fator inibidor do modo de ser do sujeito, e essa privação pode desencadear uma experiência suicida.

Contudo, é perceptível que a finitude da vida é uma questão delicada na nossa sociedade e ainda há uma repulsa em relação ao ato suicida, muitas vezes, encarado como um ato abominável, devido à falta de compreensão e os fatores históricos e culturais

que permeiam a nossa sociedade.

Partindo da tentativa de obter uma maior compreensão dos aspectos do ser humano e da finitude da vida, será abordado, neste trabalho, o tema do suicídio a partir da perspectiva da Logoterapia, teoria fundada pelo psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl.

A LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL

A Psicoterapia do Sentido da Vida, também chamada Logoterapia, criada pelo psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl, é considerada a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, sendo precedida pela Psicanálise de Sigmund Freud e a Psicologia Individual de Alfred Adler (PEREIRA, 2013).

Apesar de apresentar diferenças em relação as demais



teorias, Frankl aceitou ser considerado por alguns autores como sendo uma psicologia humanista ou uma psiquiatria existencial. Ainda que, diferente das demais teorias, a Logoterapia compreende que sempre há sentido na vida e que este sentido se encontra no mundo afora, necessitando ser descoberto. Já para algumas teorias existencialistas, a vida carece de sentido para ser suportada, com isso, o indivíduo necessita inventar um sentido para continuar vivendo (KROEFF, 2011).

Vale salientar que existem diferenças entre a Logoterapia e as teorias tradicionais, já que Frankl não desconsidera a importância dos instintos definidos por Freud nem mesmo a responsabilidade dos laços sociais como é compreendida por Adler, mas acrescenta a necessidade de trazer à consciência o sentido e os valores, uma vez que com-

preendida tal necessidade, cria-se uma liberdade com diversas possibilidades, podendo ser concretizadas ou não, e o sujeito se percebe como o responsável por suas escolhas. Isto ocorre devido ao processo de poder-ser denominado por Frankl (KROEFF, 2011).

A principal preocupação da Logoterapia é auxiliar o sujeito na busca por sentido e na conscientização plena de que possui responsabilidades nas suas próprias escolhas ao longo de sua vida. Este sentido é um processo subjetivo, intransferível e é considerado a principal força motivadora do ser humano. É denominado como uma vontade de sentido que se assemelha ao princípio do prazer da Psicologia freudiana e a busca de superioridade da Psicologia adleriana (FRANKL, 1987).

Acerca do sentido da



vida, Frankl destaca que,

O sentido não é moldado pela mente, mas a mente pelo sentido. Em vez de criar um sentido, a mente tem de submeter-se a ele, uma vez encontrado (...) o sentido da vida é uma realidade ontológica e não uma criação cultural. O sentido da vida simplesmente existe: trata-se apenas de encontra-lo. Universal no seu valor e individual no seu conteúdo, o sentido da vida é encontrado mediante uma investigação do paciente e do terapeuta em busca de resposta à questão sobre o que somente o paciente, e absolutamente mais ninguém, pode fazer. Para Frankl, nenhum homem inventa o sentido da vida: cada um é cercado e impelido pelo sentido da própria vida. O

sentido não pode ser dado ou criado, mas deve ser encontrado. E mais, o sentido não só deve ser achado, como ele pode ser achado. “E nessa busca o homem é orientado pela consciência. Em uma palavra, a consciência é o órgão do sentido, é a capacidade de descobrir o sentido único e irreprodutível que esconde em cada situação” (FRANKL, 1978, p.19 apud MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 347).

Independente das tradições, o sentido da vida sempre existirá por se tratar de uma realidade ontológica, subjetiva e intransferível. Moreira e Holanda (2010), concluem que não estamos em busca da felicidade em si, mas de uma razão para sermos felizes.

Contudo, a Logoterapia



se aproxima do processo analítico, visto que conscientiza o paciente sobre o logos oculto de sua existência. Porém, quando a Logoterapia traz conteúdos para a consciência do paciente, ela se preocupa também com realidades existenciais, diferente da Psicanálise que irá abordar conteúdos inconscientes e fatos instintivos do indivíduo (FRANKL, 1987).

O mal-estar psicológico do homem pós-moderno é diagnosticado por Frankl como uma frustração existencial, o que aproxima o problema psicológico do sujeito à concepção niilista com dramáticas consequências para a saúde física, psíquica e espiritual do homem moderno. Frankl traz, não muito comum, a reflexão de que o aspecto espiritual do sujeito é um fator positivo no processo de cura das neuroses, pois, embora desnecessária para uma vida com sentido, a religião

é capaz de fortalecer a existência humana em diversos aspectos, com um sentido de totalidade (CARRARA, 2016).

De acordo com Moreira e Holanda (2010), a Logoterapia é uma escola psicológica de caráter multifacetado e tem como principal característica a experiência imediata, baseada na motivação do homem para a liberdade e para a busca do sentido da vida, reconhecendo a existência e importância do aspecto espiritual do homem. Os autores ressaltam que a teoria frankliana se origina do espiritual, diferentemente da teoria existencial que está voltada para a o espiritual.

A partir desta concepção, é fundamental compreender a Logoterapia, como uma teoria que percebe o homem em sua totalidade, composto pelos aspectos biológicos, psicológicos e espirituais. Frankl acredita que



o inconsciente é composto por conteúdos instintivos e, também, por elementos espirituais, o que permite ao ser humano a responsabilidade e a liberdade de tomar suas próprias decisões, sendo cada vez mais congruente (NASCIMENTO; CALDAS, 2020).

Pois para Scheler (2003, p. 10-11),

O espírito caracteriza-se aí fundamentalmente pelo ato de transcendência em relação à vida [...] O homem é o ente espiritual por excelência justamente porque pode tomar a totalidade dos entes como objeto de conhecimento, porque pode idear o ente como um todo. Ele é marcado, sim, por uma dimensão vital que compartilha com os animais. No entanto, é apenas com o ato de ideação [transcendência para a espiritualidade]

que ele se descobre radicalmente como o ente que é... Homem e espírito copertencem, assim, desde o princípio [...] A essência espiritual do homem faz com que ele habite o âmbito sagrado da transcendência e se veja incessantemente ligado ao divino.

É favorável o entendimento de que o homem é capaz de transcender à espiritualidade, não podendo negar a ela, já que o sentido de sua existência é dado pelos valores, que são atemporais e mutáveis (NASCIMENTO; CALDAS, 2020).

De acordo com Lima Neto (2012), para provocar o distanciamento do caráter religioso do conceito de espiritualidade, Frankl utilizou o termo dimensão noética para aproximá-la dos fenômenos humanos, levando em



consideração que o homem pode se orientar pelos valores e encontrar sentido.

Este distanciamento da espiritualidade e da religião traz à Logoterapia a compreensão do aspecto espiritual do homem como uma dimensão antropológica e ontológica que está para além da regulação das instituições religiosas (NASCIMENTO; CALDAS, 2020).

Diante disto, o conceito de homem é baseado por três pilares: a liberdade da vontade, que refere-se à liberdade interna frente aos aspectos biopsicossociais; a vontade de sentido, uma vez que o homem é motivado por essa vontade nas realidades humanas e o sentido da vida, que se encontra no mundo e precisa ser encontrado pelo próprio sujeito (NASCIMENTO; CALDAS, 2020).

Tais pilares são explica-

dos por Frankl, respectivamente, no trecho a seguir,

No primeiro, o ser humano é visto como alguém livre e responsável. Reconhece as contingências da vida, mas entende que ainda assim é possível escolher como agir. No segundo, é a motivação genuína do ser humano, um anseio primordial, que emerge na puberdade. O terceiro, corresponde à visão filosófica da análise da existência. Uma compreensão no sentido incondicional da vida que se expressa na capacidade de suportar a incapacidade de compreender racionalmente o fato de que a vida tem um sentido incondicional (FRANKL, 2007, p. 31-32).

A partir deste trecho em



destaque, compreende-se que Viktor Frankl refere-se à vontade de sentido como sendo um esforço básico do homem de encontrar propósitos em sua vida. Assim, a falta de sentido e o vazio existencial traz ao homem um sentimento de frustração (FRANKL, 2016).

Kroeff (2011, p.70) destaca ainda que com esta transcendência, o indivíduo é capaz de resistir ao pandeterminismo e realizar sua liberdade, “tendo como motivação primária e básica o desejo de encontrar sentidos, os quais são alcançados pela realização de valores”.

O ser humano é capaz de viver e morrer por seus ideais, por este motivo Frankl ressalta a importância dos valores nas escolhas do sujeito. Se tais valores forem violados, a vontade de sentido pode sofrer frustrações existenciais, o que pode resultar

em neuroses, denominadas por Frankl como neuroses noogênicas, que surgem a partir de problemas existenciais (FRANKL, 1987).

No entanto, a frustração existencial não é patológica, pois certa dose de conflito e sofrimento é considerada normal e sadia, não configurando, necessariamente, uma doença mental. Assim, “a preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental” (FRANKL, 1987, p.48).

A Logoterapia trabalha a partir de duas características inerentes ao ser humano acerca da busca de sentido. A autotranscendência, que consiste na busca de um sentido que se encontra no mundo afora e necessita ser descoberto pelo indivíduo, e o auto distanciamento, que se refere à



capacidade do ser humano de se distanciar das situações para a tomada de decisão (FRANKL, 1987).

Tendo em vista estas características, a Logoterapia desenvolveu a técnica de intenção paradoxal. Trata-se de uma técnica que age amplamente na capacidade do sujeito de se distanciar de si, fazendo com que o paciente deseje o que mais teme, se afastando de sua própria neurose. A intenção paradoxal se baseia “no fato duplo de que o medo produz aquilo de que temos medo e de que a intenção excessiva impossibilita o que desejamos” (FRANKL, 1987, p.56).

Há, com isso, uma interação denominada por Frankl como noodinâmica, que consiste em uma “dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um sentido a ser cumprido

e o outro polo, pela pessoa que deve cumprir” (FRANKL, 1987, p.49).

Com isso, Frankl traça uma crítica à concepção de saúde mental resultante de um ideal de equilíbrio homeostático, uma vez que há a necessidade de uma tensão para a existência humana. A noodinâmica é a tensão existencial que se estabelece entre o homem e o sentido, o ser e o dever-ser. E há nesta tensão a liberdade, a qual se permite fazer escolhas (ROEHE, 2005).

Frankl reflete que o ser humano necessita de um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente e, não, um estado livre de tensões. Ele precisa de um campo de tensões que o impulsione a encontrar o sentido (FRANKL, 1985).

Conclui-se então que o processo de busca de sentido é gerador de uma tensão interior



que é pré-requisito indispensável à saúde mental. Esta tensão é necessária para que se cumpra a vontade de sentido latente do indivíduo (FRANKL, 1987).

O SENTIDO DA MORTE

Como abordado anteriormente, o ser humano no decorrer da História, apresentou diversas atitudes e percepções perante a morte, que é um fenômeno que faz parte da existência humana. A morte, para Heidegger, é a possibilidade da impossibilidade absoluta da presença. Trata-se de um fenômeno de caráter irreversível, irremissível e insuperável, sendo considerado uma certeza na vida, porém não se sabe ao certo quando irá acontecer, gerando no sujeito um sentimento de angústia. Heidegger aponta que a morte “é na disposição da angústia que o estar-

-lançado na morte se desentranha para a pré-presença de modo mais originário e penetrante” (HEIDEGGER, 1990, p. 33).

Já de acordo com Kovács (1992), a morte está associada ao medo de morrer, de sofrer e da impotência, do receio do que vem após a morte, do julgamento divino, da extinção e do desconhecido.

Por sua vez, na percepção de Frankl (1991), a morte seria um dos aspectos que poderia retirar o sentido da vida. A imprevisibilidade da morte confere um caráter de urgência ao tempo do qual dispomos. Com isso, a finitude da vida traz ao ser humano o senso de responsabilidade e isso dá a vida um sentido, já que a morte torna a existência humana única e irreversível.

Independente da duração de uma existência, ela possui sentido e o sujeito deve buscar



um significado ao se deparar com a transitoriedade da vida. Contudo, a finitude é que dá sentido à vida, já que o passado é a dimensão mais segura do ser humano, por possuir os valores realizados na existência deste, deixando a transitoriedade para a perenidade e traz para o sujeito a responsabilidade de suas escolhas (FRANKL, 1994).

Em outras palavras, a finitude dá um sentido para a vida, despertando no ser humano o senso de responsabilidade, visto que a morte faz com que a vida seja única e impossível de ser revertida (FRANKL, 1994).

O fato de não se ter a certeza do momento da morte e a finitude da vida, o ser humano, nos dias atuais, procura acelerar o ritmo da vida, com a alta produtividade nos aspectos pessoais, sociais e econômicos. A finitude da vida gera um sentimento de

medo e ansiedade nos indivíduos (AQUINO et al., 2010).

Brandão (2005), aponta que o medo se diferencia da ansiedade, pois trata-se de uma reação a uma ameaça conhecida, em que o sujeito tende a fugir ou evitar o perigo. Já a ansiedade é uma resposta a situações desconhecidas, em que temos conhecimento de como agir diante da situação de perigo.

Destarte, não é possível separar a morte da vida, uma vez que a morte é uma fase inevitável do ciclo da vida. O sentido da morte pode trazer a pergunta pelo sentido da vida, visto que a transitoriedade da existência humana poderia afastar a vida de um sentido (FRANKL, 1990).

Para Frankl, o conceito de eternidade refere-se a uma realidade simultânea em relação ao presente, passado e futuro. Com isso, a finitude e a temporalidade



referem-se àquilo que constitui o seu sentido, já que as potencialidades são transferidas das possibilidades para a realidade do passado (FRANKL, 1990).

Com isto, segundo Aquino et al. (2014, p. 309),

a responsabilidade humana encontra-se no “otimismo do futuro”, nas escolhas e possibilidades do futuro e no “otimismo do passado”, ou seja, transforma as possibilidades em realidade, abrigando-as no passado, visto que tudo é efêmero, porque passa da inutilidade do futuro para o passado, no qual tudo vai percorrendo do futuro para o passado, do vazio do futuro para a existência do passado. O que acontece com a morte é o fato de que tudo o que se viveu fixa-se no ser passado e nada mais

será modificado, perdendo-se as possibilidades do vir a ser. É nesse sentido que se entende o passado do homem como o seu verdadeiro futuro, como a dimensão mais segura do ser, visto que nada mais daquilo poderá ser eliminado ou modificado. Desse modo, o ser humano vai se construindo e se modelando, em alguns momentos experienciando vivências, em outros momentos sofrendo. Portanto, o homem deve seguir sua vida no tempo apesar da sua finitude, que delimita o seu projeto existencial.

Contudo, segundo o pensamento de Frankl (1994), a transitoriedade é de grande importância para a existência humana, pois a partir disto, se



constrói a responsabilidade das escolhas do ser humano. Isto porque tudo depende da nossa percepção diante das situações e como nos conscientizamos das possibilidades que são essencialmente transitórias.

O SENTIDO DO SOFRIMENTO E SUA ACEITAÇÃO

O sofrimento é inerente ao ser humano e traz à vida sentido em diferentes graus de intensidade. O fator determinante diante de uma situação de sofrimento é como o indivíduo irá se comportar, tomando a posição de entregar-se passivamente ou assumir ativamente a luta por algo ou alguém. Diante disto, compreende-se que há um sentido por trás de todo sofrimento e, além do sofrimento, a necessidade, o destino e a morte são componentes da vida, por serem condições

inevitáveis, carece de uma aceitação e sentido para que se possa viver (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Ademais, o sentido do sofrimento na maioria das vezes é evidenciado de forma tardia e restritiva, atuando como uma forma de aprendizado. Segundo Lukas, “donde se depreende que algum fato realmente doloroso em sua vida bem pode ter tido, a partir de uma visão mais tardia, um sentido que naquela ocasião não lhes era patente” (LUKAS, 1989, p. 198).

É compreensível que a teoria de Frankl (1987, p.52), não tenha como fundamento principal a preocupação de obter prazer ou evitar a dor e, sim, a necessidade de “ver um sentido em sua vida. Esta é a razão por que o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o sofrimento tenha um sentido”,



visto que o sofrimento faz parte da vida, sendo assim, “o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável”.

A felicidade, para a Logoterapia, está associada à vontade de sentido, uma vez que, ao se encontrar uma razão para ser feliz, a felicidade surge de forma automática como efeito colateral. Frankl compreende que a busca patológica por uma felicidade incondicional é um princípio autoanulativo, uma vez que quanto mais se persegue a ideia acabada de felicidade, prazer ou sucesso, em detrimento da realização de sentido, mais distancia-se do objetivo de obter felicidade (PEREIRA, 2007).

Contudo, Frankl acredita que não se deve buscar a felicidade, pois quando se encontra um motivo para ela, esta decorre espontaneamente, assim, além de

gerar felicidade, ter um sentido torna o sujeito apto para o sofrimento (AQUINO et al., 2010).

É válido destacar que o sentimento de falta de sentido não está, necessariamente, vinculado a patologias, porém este sentimento pode causar uma reação patológica, como a depressão. Para Frankl,

Não é necessário dizer que nem todo caso de depressão pode ser atribuído a um sentimento de falta de sentido. Tampouco o suicídio - a que a depressão às vezes leva a pessoa - sempre é resultado de um vazio existencial. Contudo, mesmo que todo e qualquer caso de suicídio não tenha sido levado a cabo por causa de um sentimento de falta de sentido, é bem possível que o impulso de tirar a vida tivesse sido su-



perado se a pessoa tivesse estado consciente de algum sentido e propósito pelos quais valesse a pena viver (FRANKL, 1987, p.63).

É sabido que, em uma situação de dor psíquica ou de sofrimento, a escuta ativa pode ser primordial no acolhimento a um indivíduo que apresenta ideação suicida, uma vez que o suicídio é um ato de pedido de ajuda e tem a finalidade de solucionar seu sofrimento, mesmo que por meio da própria morte. A tentativa de suicídio é um pedido de socorro realizado no momento em que não encontra sentido em sua vida e que a frustração e o vazio existencial se tornam insuportáveis (TORO et al., 2013).

Vale destacar que a percepção de encontrar um sentido para quê viver se encontra de for-

ma restrita em um quadro de depressão, seja uma depressão originária do psíquico, do biológico ou por questões existenciais. Por este motivo, não ter a certeza da existência de um sentido pode ser fundamental no estabelecimento e na manutenção de um quadro depressivo (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO, 2016).

Tendo em vista uma depressão que se origina a partir de questões existenciais, os sintomas depressivos podem se manifestar em situações em que há uma maior dificuldade interna em perceber sentido no campo perceptivo do sujeito, ou mesmo, quando a vida é avaliada sem um conteúdo significativo para o mesmo (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO, 2016).

A partir disto, o sofrimento, na visão da Logoterapia, só pode ser compreendido quando associado à perda de sentido,



logo se torna um gerador da falta de sentido, que traz ao sujeito um sentimento de infelicidade, o que gera um sentimento de desespero. No entanto, esta condição de infelicidade se fundamenta na falta de sentido que resulta em sofrimento. Esta relação foi observada por Frankl através do conceito de tríade trágica, que perpassa por três aspectos da existência humana, responsável por gerar a perda de sentido (FRANKL, 2015).

Na concepção da Logoterapia, há nas emoções humanas profunda sabedoria, uma vez que tanto o luto quanto o arrependimento têm um sentido na história interior do sujeito. Segundo Frankl (2003), o sofrimento vivenciado em processo de luto é importante pois desenvolve um sentido e a força de fazer com que aquilo que já não existe continue existindo.

De acordo com a percepção de Rodrigues (1991), se o sujeito buscar intencionalmente um sentido apesar da ameaça de destruição, o sofrimento passa a ser percebido como um enfrentamento intencional e não mais como uma situação inconsciente, ou seja, o sofrimento possui um sentido inerente.

O autor aponta que há na adversidade um sentido que motivá-lo a mudar e crescer, desafiando a sua dimensão espiritual na sua capacidade mais profunda de autotranscendência. Crescimento este que só pode se realizar se o paciente aceitar sua culpa, aceitas as adversidades e as consequências de seus atos errôneos (RODRIGUES, 1991, p.167).

A liberdade espiritual do sujeito lhe dá a oportunidade



de até no último instante de sua vida ter um sentido pleno. Se a vida tem um sentido, logo também há sentido no sofrimento (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Ainda que pareça difícil a situação de sofrimento, ou mesmo a dificuldade de compreender racionalmente seu sentido, a fé e o sentimento de amor pode auxiliar neste processo de ressignificação, em que o aspecto espiritual do homem pode ser capaz de encontrar recursos para a superação deste sofrimento (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Ademais, quando o sujeito assume uma atitude de aceitação de seu sofrimento, e compreende sua responsabilidade e a irreversibilidade da situação factual, ele consegue experimentar a liberdade existencial para encontrar um sentido real para sua existência (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

O VAZIO EXISTENCIAL E O SENTIDO DA VIDA

No decorrer da História, o homem buscou compreender sua existência e dar sentido a sua vida, tentando compreender o porquê de pertencer ao mundo. A falta de um sentido na vida do ser humano acarreta um vazio existencial, que é fator gerador de frustração (SILVA; SILVA, 2014).

O cenário da humanidade do século XXI se percebe com uma certa autonomia sobre suas próprias escolhas e, cada vez mais, vai se distanciando das tradições e crenças internalizadas pela sociedade. Esta autonomia e liberdade de escolha torna o homem mais inseguro, pois a responsabilidade e consequência de suas escolhas refletem



na sua vida e na vida do outro (FRANKL, 1987).

Ainda assim, trata-se de uma liberdade condicionada, como aponta Marques, ao discursar sobre a teoria de Sartre,

essa liberdade é condicionada, pois é limitada pela sociedade e suas regras, às quais devemos nos “submeter”. É devido a “essa” “submissão”, que em determinados momentos da vida, o homem entra em conflito com o meio social, em que vive, isto é, ao vivermos em sociedade deparamo-nos com fatos sociais com os quais devemos conviver, para vivermos em comunidade (SARTRE, 1987 apud MARQUES, 1998, p.78).

As mudanças sofridas no decorrer da História, produ-

ziram um homem dono de uma liberdade e, para Frankl (1987), isto se deu devido à perda dos instintos animais do homem, tornando-o um ser cada vez mais humano e mais autêntico. Esta perda faz com o que o homem se sinta mais inseguro em suas ações e se depare com uma diversidade de possibilidades em sua vida, uma vez que,

as tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo) (FRANKL,



1987, p. 61).

O homem é um ser livre, porém responsável por seus atos e escolhas. É parte de um contexto histórico e exerce sua liberdade e se responsabiliza por ela, e está cada vez mais sem uma tradição ou crença que o direcione. O que gera um sentimento de angústia, pois está condenado a uma liberdade e, ao negá-la, nega a si mesmo enquanto indivíduo (CRUZ, et al., 2020).

De acordo com Moreira e Holanda (2010), o contexto histórico é marcado pelo grande desenvolvimento da ciência, da consciência e do conhecimento. Os novos acontecimentos proporcionam à humanidade a consciência da liberdade, no entanto, a humanidade não possui a consciência de responsabilidade diante desta liberdade existencial.

Destarte, parece assus-

tador a ideia de que a liberdade traz consigo a responsabilidade de todas as escolhas, sendo assim responsável por cada ato e as consequências que pode gerar ao outro, e, devido ao sentimento de diversas possibilidades, as decisões tomadas podem ser para toda a vida (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Isto origina uma constante busca por um sentido na vida que é dado por uma tensão existencial entre o “ser” e “dever-ser”. A ausência desta tensão produz um vazio existencial, que é derivado de uma perda dupla: a perda dos instintos animais e a perda, gradativa, das tradições. Com isso, a humanidade se encontra entre dois extremos da angústia e do tédio, e por não saber o que deseja fazer, acaba manifestando um vazio existencial (FRANKL, 1987).

Frankl (1987), em sua



obra *Em busca de sentido*: Um psicólogo no Campo de Concentração, discursa sobre o vazio existencial que, por vezes é experienciado por todo ser humano, em momentos singelos como, por exemplo, a “neurose dominical” que, traz uma espécie de depressão assim que a rotina da semana desacelera e resta-nos apenas a falta de conteúdo de nossas vidas. O vazio existencial é fruto do tédio e pode ser mascarado pela vontade de poder ou pela vontade de prazer.

Segundo Medeiros (2019), o sentido da vida é o termo que descreve uma crença, uma ideia que baseia uma razão ou um motivo pelo qual viver. Ter um sentido na vida é fundamental para existência humana, principalmente no enfrentamento a situações difíceis.

De acordo com o pensamento de Frankl (1991), o ho-

mem só se torna ele mesmo em sua completude, quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, esquecendo de si mesmo em nome de uma causa ou por amor.

O sentido da vida é, assim, algo subjetivo a cada ser humano, diferindo de pessoa para pessoa e de momento para momento. Frankl (2011), ressalta que tal sentido assume uma urgência para satisfazer a vontade de sentido. O importante não é definir o sentido da vida, mas o que motiva uma pessoa em um aqui e agora.

Isto é compreensível porque a vida nos apresenta diversas situações e diversas questões, muitas vezes, sem uma resposta precisa e, a cada momento da vida, o sujeito pensa e age de formas diferentes, pois somos seres mutáveis, de acordo com a teoria do devir de Heráclito, em que “não é possível entrar duas



vezes no mesmo rio”, pois, por sermos mutáveis, não seremos mais os mesmos assim como as águas deste rio não serão mais as mesmas (REALE, 1993 apud MARTINS, 2007, p. 60).

Frankl traz o conceito de niilismo no que se refere ao relativismo entre sentido e valores, já que as coisas relativas apenas provam, documentam e testemunham aquilo que as condicionou. Então, o sentido e o valor das coisas são atribuídos no momento em que são assumidos em nome de algo mais elevado, por amor, em um sacrifício. Assim, de forma paradoxal, as coisas tem valor para serem sacrificadas, pois “o que sacrifica dá ao sacrifício sentido, valor, preço. Dar sentido quer dizer entregar-se. Não é o que eu guardo comigo que retém valor; é o que eu sacrifico que adquire valor” (FRANKL, 1978, p. 263).

Diante desta reflexão, o que deprime as pessoas não é a perda de um emprego, por exemplo, mas a sensação de falta de sentido decorrente disto. O pesar não é devido ao ônus financeiro, mas às pressões psíquicas sofridas, diante desta situação. Ainda assim, em qualquer situação, o homem é capaz de ressignificar, mesmo que no último momento de sua vida e mesmo que diante da tríade trágica – a dor, a culpa e a morte. (FRANKL, 1990).

Conforme destaca Xausa (2003, p. 84), apenas o ser humano tem a capacidade de admitir uma atitude diante de uma situação de sofrimento, pois “a resposta sobre o sentido do trágico é encontrada na atitude mesma que elegemos ante uma situação que se nos apresenta tragicamente.”

Isto porque existe uma liberdade última que está presen-



te no mais íntimo do ser e que faz com que o indivíduo possa escolher uma atitude alternativa diante das condições apresentadas. Esta liberdade última permanece por toda a vida do indivíduo, possibilitando-o a encontrar um sentido em sua vida até no momento de sua morte. Assim, mesmo diante de dificuldades que possam privar o sujeito da liberdade e da dignidade, há ainda uma liberdade interior que o impulsiona a escolher como vai perceber e agir, a partir da situação (FANKL, 1987).

O sentimento de falta de sentido pode ser um fator significativo para a decisão de cometer suicídio. De acordo com Dutra e Rosa (2001), a falta de autenticidade na vida acarreta escolhas existenciais inadequadas, já que a inautenticidade traz uma realidade incompatível com o eu real, levando a pessoa a uma existên-

cia marcada pelo fracasso, baixa autoestima, irrealização e infelicidade, o que ocasiona uma incapacidade de amar e ser amado.

Segundo o autor, o sujeito procura, então, sair do vazio e preencher o vácuo que a falta de sentido e o vazio existencial provocam, para que se estabeleça sua autenticidade, ainda que seja através de um desconhecido que o ajudará neste sofrimento, ou em um ato de violência extrema contra si próprio, como o ato ou as tentativas suicida (DUTRA; ROSA, 2001).

Diante disto, compreende-se que todas as vidas são importantes, todas possuem um sentido, não só as existências belas, mas também as que são repletas de dor e sofrimento, pois há no interior do ser humano uma liberdade que o impulsiona para a vida, para encontrar um sentido e ressignificar a situação que vi-



vencia (FRANKL, 1987).

A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA

De acordo com a teoria da Logoterapia, psicoterapia centrada no sentido, há em todo ser humano uma tendência a encontrar sentido na vida, mesmo em meio ao sofrimento. Segundo Färber et al. (2020), o indivíduo é capaz de exercer uma resiliência no propósito da vida, que é fortalecido, quando se encontra um significado no sofrimento, na dor e na morte. Este sentido é algo individual e subjetivo, e o sofrimento apenas pode ser ressignificado pelo próprio sujeito.

Segundo Ortiz e Moderno (2011), o sentido da vida se dá como uma percepção afetivo-cognitiva de valores, levando o indivíduo a se comportar de maneiras diversas diante de si-

tuações específicas ou diante da vida em geral, criando uma coerência e uma identidade pessoal.

Já na percepção de Frankl, a partir das queixas de seus pacientes muitas vezes de cunho filosófico e ético, o homem é um ser que precisa moldar sua vida significativamente, buscando um sentido para sua existência. Se não encontrado este sentido, pode se frustrar e adoecer psiquicamente (LUKAS, 1989).

O sentido da vida é fortalecido pela efetivação da tríade valorativa: vivências, criativos e atitudinais. As vivências se referem aos valores gerados a partir das vivências positivas, em que o indivíduo recebe algo do mundo, seja relacionado a coisas estéticas ou a vivência de um tu (homo amans). Já no que se refere aos valores criativos, há uma capacidade de transformar o mundo através de uma



obra criativa (homo faber). E os valores atitudinais se referem ao sentido encontrado pelo sujeito a partir de suas próprias atitudes diante das situações de sofrimento/dor inevitável (homo patiens) (FRANKL, 2005).

Há ainda o conceito de homo religious, como aspecto importante na composição do homem, o que traz a importância do ser espiritual, o que permite a possibilidade de superação da existência humana, considerando a “resiliência como um fator determinante na identificação e enfrentamento do sofrimento inerente à vida humana e participe do seu sentido” (MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 355).

Ainda na concepção de Frankl, o sujeito se sente verdadeiramente realizado, quando consegue preencher um sentido, uma vez que a “autorrealização é o efeito não intencional das in-

tenções da vida”, uma vez que o sujeito está direcionado a uma intenção (FRANKL, 2011, p. 53)

Assim, o sentido de vida se dá a partir da dedicação do sujeito a uma causa ou a alguém, ou ainda, na ressignificação do sofrimento e nas situações da vida, isto porque o sentido da vida se encontra no mundo afora, e cabe ao sujeito a sua descoberta (FRANKL, 2011).

Ademais, a intencionalidade consiste em proporcionar ao sujeito um processo contínuo de autoconhecimento, o direcionando para o futuro. Para que haja uma autenticidade na existência do sujeito, é necessário que seja construída por um sentido, que significará a autotranscendência do sujeito, uma vez que “a existência vacila, hesita incerta, a menos que haja por trás dela, uma ‘ideia forte’, ou um sólido ideal” (FRANKL, 2011, p. 67).



Com isto, vale ressaltar que o quadro depressivo pode ser influenciado pela dúvida sobre o sentido da vida. Quando há uma dificuldade em perceber possibilidades de sentido na percepção do indivíduo e quando não há sentido na vida, os sintomas depressivos decorrentes de questões existenciais se manifestam. Há um agravamento no quadro depressivo quando não se percebe um sentido de futuro, o que faz com que o indivíduo deixe de viver o aqui e agora, reforçando o sentimento de falta de sentido (FRANKL, 2015).

Por fim, é compreensível que o vazio existencial seja uma nova demanda da atualidade, favorável ao fato de se manifestar a partir do niilismo privado, se referindo ao sentimento de vazio, devido à perda de valores existenciais (FRANKL, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesta pesquisa bibliográfica, a sociedade atual passou por transformações, devido ao advento tecnológico e à globalização, o que resultou em uma sociedade marcada pela praticidade e rapidez. Em consequência disto, o homem se tornou um sujeito livre e, ao se deparar com a responsabilidade das suas escolhas, sente-se inseguro em sua subjetividade.

A partir disto, o vazio existencial passou a ser mais presente na vida dos indivíduos, tornando-se assim, uma nova demanda na contemporaneidade, enquanto efeito da desapropriação dos valores existenciais, fazendo com que a sociedade estivesse cada vez mais fragilizada e propícia ao adoecimento.

Vale ressaltar que o suicídio é um ato bastante complexo



e multifacetado, sendo resultado de um processo de experiências ao longo da vida. O suicídio não pode ser reduzido a um mero reflexo de alguma desordem social ou associado a algum transtorno psíquico, ainda que alguns fatores podem ser considerados desencadeadores da ideação ou do ato suicida.

Compreender o suicídio pode ser, por vezes, tarefa complexa devido aos tabus instaurados, historicamente, em nossa cultura. Por este motivo, são necessários uma compreensão empática, uma análise mais cautelosa e um olhar devagar para a dor do outro, considerando a subjetividade de cada caso, uma vez que o ato suicida carrega consigo a história individual do sujeito.

A partir desta discussão, este estudo bibliográfico teve como intuito buscar compreender o suicídio derivado de

questões existenciais, abarcando à teoria de Viktor Frankl para conseguir responder a questão norteadora que perpassa por toda a pesquisa: “O que produz a perda do sentido, a ponto de fazer alguém pensar em cometer um ato tão violento e mortal contra sua própria vida, como o suicídio?”, a partir dos aspectos psicossociais envolvidos na dinâmica do suicídio.

Levando em consideração os pontos principais desta pesquisa, o ser humano necessita de um ideal para conseguir encontrar sentido em sua existência. Se este ideal não for percebido pelo sujeito, a vontade de sentido pode sofrer frustrações, gerando o vazio existencial e a perda de um sentido para viver.

Este estudo aponta que, à luz da Logoterapia, a falta de sentido pode gerar uma frustração no indivíduo, fazendo com



que ele não encontre perspectiva de futuro e acabe por se apegar à dor que vivencia em seu presente. Esta falta de sentido produz um vazio existencial que pode ser fator importante na tomada de decisão do suicídio.

A partir deste raciocínio, compreende-se que o sujeito em sofrimento enxerga sua existência marcada pelo fracasso e infelicidade e procura se curar desta realidade angustiante e dolorosa, muitas vezes, colocando um fim em sua dor, com o ato suicida.

É importante ressaltar que o intuito da Logoterapia é levar o sujeito a compreender sua liberdade e a responsabilidade de suas escolhas, buscando encontrar um sentido e ressignificar a situação que vivencia, pois a forma como percebemos e lidamos com as situações difíceis são primordiais para a prevenção da

nossa saúde mental.

Vale salientar a importância de promover a conscientização da sociedade acerca do tema morte, além da necessidade da compreensão empática e aceitação daqueles que se encontram em sofrimento psíquico que, por muitas vezes, são alvos de julgamentos e preconceitos por parte da sociedade por não compreender que o ato suicida é, na verdade, um pedido de ajuda por ser insuportável viver em sofrimento.

Faz-se necessário destacar ainda a necessidade de se discutir mais ativamente o assunto sobre a morte e o suicídio na sociedade acadêmica, uma vez que o suicídio deve ser considerado importante o ano todo e, não apenas, no mês de setembro, em que é trabalhada a campanha de prevenção ao suicídio. É interessante destacar a importância



do papel da Psicologia na prevenção ao suicídio, percebendo a necessidade de se desenvolver um trabalho mais ativo frente ao tema do suicídio, promovendo uma psicoeducação da sociedade e realizando um acolhimento empático como ação preventiva àqueles que estão em sofrimento psíquico com quadro de ideias suicidas.

Conclui-se, então, que o acolhimento terapêutico, através de uma escuta ativa e empática é importante no processo de aceitação do sofrimento e na busca de um sentido pelo qual viver, fazendo com que o sujeito compreenda todas as suas limitações e ressignifique suas ações diante das situações de dificuldade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A.; DARÁ, D. M. B.; SIMEÃO, S. S. S. De-

pressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida. Revista brasileira de Terapias cognitivas, João Pessoa, v. 12, p. 35-41, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v12n1/v12n1a06.pdf>. Acesso em: 15 novembro 2020.

AQUINO, T. A. A. et al. Sentido da vida e conceito de morte em estudantes universitários: um estudo correlacional. Interação em Psicologia, João Pessoa, v. 14, p. 233-243, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16696/13924>. Acesso em: 15 setembro 2020.

AQUINO, T. A. A. et al. Falando de Morte e da finitude no ambiente escolar: Um estudo à luz do sentido da vida. Psicologia, ciência e profissão, João Pessoa, v. 34, p. 302-317, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/>



pcp/v34n2/v34n2a04.pdf. Acesso em 14 outubro 2020. ARIÈS, P. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAGGIO, L.; PALAZZO, L. S.; AERTS, D. R. G. C. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalências e fatores associados. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 25, p.142-150, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v25n1/15.pdf>. Acesso em: 20 abril 2020.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDAO, M. L. Psicofisiologia: As bases fisiológicas do comportamento. São Paulo: Atheneu, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde.

Secretaria de Vigilância em Saúde. Suicídio: tentativas e óbitos por intoxicação exógena no Brasil. 2007 a 2016. Brasília, 2019.

CARRARA, P. S. Espiritualidade e saúde na logoterapia de Victor Frankl. Revista Interações: cultura e comunidade, Minas Gerais, v. 11, p. 66-84, jul- dez 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3130/313049300006.pdf>. Acesso em: 10 agosto 2020.

CASSORLA, R. Do suicídio: estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1998.

CRUZ, C. A. et al. O suicídio na perspectiva das Psicologias Humanista, Fenomenológica e Existencial: revisão sistemática e metassíntese. Revista Contextos Clínicos, Fortaleza, v. 13, p. 293-315, jan-abr 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos>.



br/index.php/contextosclnicos/article/viewFile/ctc.2020.131.14/60747841. Acesso em: 13 setembro 2020.

DURKHEIM, E. Educación y Sociología. Buenos Aires: Shapire, 1973.

DUTRA, E. M. S.; ROSA, J. T. Compreensão de tentativas de suicídio de jovens. Escuela de Desarrollo Humano Casa-grande, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://biblioteca-paralapersona-epimeleia.com/greenstone/collect/ecritos2/index/assoc/HASH01ed/a5c10835.dir/doc.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2020.

DUTRA, E.; ROEHE, M. Suicídio de agricultores no Rio Grande do Norte: compreensão fenomenológica preliminar dos aspectos existenciais. Psicologia

em Revista, Belo Horizonte, v. 19, p. 108-118, abril 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n1/v19n1a09.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2020.

FÄRBER, S. S. et al. O sentido da vida e a depressão: uma reflexão sobre fluxo migratório e fatores. Research, Society and Development, Rio de Janeiro, v.9, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2471/4735>. Acesso em: 05 outubro 2020.

FRANKL, V. E. Fundamentos antropológicos da psicoterapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido. Petrópolis: Vozes, 1985.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre:



Sinodal, 1987.

FRANKL, V. E. A questão do sentido em psicoterapia. Campinas: Papyrus, 1990.

FRANKL, V. E. A psicoterapia na prática. Campinas: Papyrus, 1991.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo: Quarente, 2003. FRANKL, V. E. Um sentido para a vida. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

FRANKL, V. E. A presença não ignorada de Deus. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, V. E. Em busca de

sentido: Um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANKL, V. E. A Vontade de Sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. O sofrimento de uma vida sem sentido. São Paulo: Vozes, 2015.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 2016.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 1990.

KOVACS, M. J. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.



- KOVACS, M. J. Bioética nas questões da vida e da morte. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, p.115-167, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n2/a08v14n2.pdf>. Acesso em: 07 junho 2020.
- KROEFF, P. Logoterapia: Uma visão da Psicoterapia. Revista da Abordagem Gestáltica - XVIII, Porto Alegre, p. 68-74, jan-jun 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n1/v17n1a10.pdf>. Acesso em: 20 junho 2020.
- KUBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: Ed. WMF Martins Fontes, 1985.
- KLUBER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 9. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2008.
- LIMA NETO, V. B. Morte e sentido da vida: Tanatologia e Logoterapia, um diálogo ontológico. Revista Logos e existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise existencial, Ceará, v. 1, p. 38-49, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/12573/8044>. Acesso em: 20 setembro 2020.
- LUKAS, E. Logoterapia: a força desafiadora do espírito. São Paulo: Loyola, 1989.
- MARQUES, I. H. Sartre e o Existencialismo. Revista Eletrônica Funrei, São João del-Rei, p. 75-80,1998. Disponível em: <http://www.funrei.br/revistas/filosofia>. Acesso em: 23 abril 2020.
- MARTINS, M. V. S. O pensamento de Heráclito: Uma aproximação com o pensa-



mento de Parmênides. Repositório Institucional da UnB, Brasília, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2746/1/2007_Marcus-ViniciusSilvaMartins.pdf. Acesso em: 15 agosto 2020.

MEDEIROS, A. Y. B. B. V. A percepção do sentido da vida para o paciente com câncer: um olhar logoterapêutico. Repositório Institucional da UFF, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/11103/1/Angelica%20Yolanda%20Bueno%20Bejarano%20Vale%20de%20Medeiros.pdf>. Acesso em: 17 outubro 2020.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. Psico-USF, Curitiba, p. 345-356, set-dez 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a08.pdf>. Acesso em: 15 setembro 2020.

MOREIRA, V. De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia. São Paulo: MJW Fédition, 2017.

MOURA, J. F.; REIS, F. F. S. O fenômeno do suicídio na tribo Sorowahá: particularidades e generalidades. Centro Universitário de Anápolis, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/1143/1/O%20fen%20c%94meno%20do%20suic%20c%8ddio%20NA%20tribo%20sorowa%20-%20particularidades%20E%20generalidades.pdf>. Acesso em: 5 agosto 2020.

NASCIMENTO, A. K. C.; CALDAS, M. T. Dimensão espiritual e Psicologia. Revista da Abor-



dagem Gestáltica, Recife, v. 26, p. 74-89, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v26n1/v26n1a08.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Prevenção do Suicídio: Um imperativo global, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 20 abril 2020.

ORTIZ, E. M.; MODERNO, M. Los modos de ser inauténticos - Psicoterapia centrada en el sentido de los trastornos de personalidad. Revista argentina Clínica psicológica, Buenos Aires, v. 10, p. 286, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2819/281922826013.pdf>. Acesso em: 5 outubro 2020.

PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, p. 125-136, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v18n1/v18n1a07.pdf>. Acesso em: 9 agosto 2020.

PEREIRA, I. S. A Ética do Sentido da Vida: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

ROCHA, M. A. S.; BORIS, G. D. J. B.; MOREIRA, V. A Experiência Suicida numa Perspectiva. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiania, v. 18, p. 69- 78, jan-jun 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735516010.pdf>. Acesso em: 15 setembro 2020.

ROCHA, A. P. C.; FONSECA,



L. C.; SALES, R. L. Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. Revista Psicologia e Saberes, São Paulo, v.8, n.12, 2019. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1054>. Acesso em: 07 junho 2020.

RODRIGUES, R. Fundamentos da logoterapia na clínica psiquiátrica e psicoterápica. Petrópolis: Vozes, 1991.

ROEHE, M. V. Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. PSICO-PU-CRS, Porto Alegre, v. 36, p. 311-314, set-dez 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1402/1102>. Acesso em: 2 julho 2020.

SCHRAMM, F. R. Morte e Fini-

tude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, p. 17-20, 2002. Disponível em: https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_48/v01/pdf/opiniaio.pdf, Acesso em: 09 junho 2020.

SCHELER, M. A posição do homem no cosmos. Petrópolis: Forense Universitária, 2003.

SILVA, J. B.; SILVA, L. B. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e análise existencial, João Pessoa, v. 3, p. 203-215, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/22107>. Acesso em: 11 outubro 2020.

STEINER, P. A Sociologia de Durkheim. Rio de Janeiro: Vo-



zes, 2016.

TORO, G. V. R. et al. O desejo de partir: um estudo a respeito da tentativa de suicídio. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, p. 407-421, dezembro 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n3/v19n3a06.pdf>. Acesso em: 08 setembro 2020.

VARES, S. F. O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, São Paulo, v. 13, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistai-ch/article/view/15869>. Acesso em: 20 agosto 2020.

XAUSA, I. A. M. O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

